

**EDUCAÇÃO INDÍGENA: OUTRAS NARRATIVAS E OUTROS NARRADORES, INTELECTUAIS INDÍGENAS, UMA PONTÊNCIA EPISTEMOLÓGICA.**

Sou Célia Xakriabá indígena do povo Xakriabá, que tem o território localizado no município de São João das Missões.

Nesta 71ª Reunião Anual da SBPC/2019 que ocorrerá na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS) - Campo Grande, MS, em que irei participar de uma mesa intitulada, Formação de Professores Indígenas: Perspectivas Plurais Rumo a Uma Educação Libertária (AfroIndígena). Buscarei refletir a cerca dos conhecimentos produzidos pelos estudantes e professores indígenas têm sido recebidos e como eles têm sido reconhecidos e valorizados no ambiente acadêmico pelo corpos docentes, e de que forma isso acontece. Pois não basta a entrada de nossos corpos em territórios Outros. Inspirado em (JOAO PAULO TKANO, 2017) “*Será que quando estão entrando nossos corpos, estão entrando nossas ideias?*” Pois não basta a entrada de nossos corpos, é necessário que se reconheça a potência do pensamento, que não é um pensamento singular. Ele é plural, ancorado nas matrizes formadoras da ciência do território, que são por exemplo o conhecimento da oralidade, da própria relação tecida no território, nas lutas de retomada, na vivência com a terra, e de conexões com as nossas ancestralidades. Nesta mesa ainda que de maneira breve irei contextualizar as experiências de formação de professores indígenas.

Na oportunidade irei abordar a discussão à luz das contribuições epistemológica de estudantes e professores indígenas no território acadêmico. Como tem sido construídas as narrativas de insurgências das produções nativas. Como tem sido o retorno e o uso dessas narrativas, agora em forma de produção acadêmica, no território indígena e de que modo o conhecimento indígena tem produzido deslocamento no fazer acadêmico? Pois se não reconhecer a presença de corpos e de outras epistemologias na universidade a ciência não será plural. Retomando o mesmo sentido da presença de corpos plurais, na maioria das vezes corpos de jovens e mulheres que estão nas universidades se formando, têm também assumindo cada vez mais a linha de frente das lutas juntamente com as demais lideranças nas agendas políticas, denunciando o

genocídio, o etnocídio e o epistemicídio sofrido pelos povos indígenas brasileiros. Diante desta realidade é necessário que as instituições reconheçam estes outros agentes narradores e escritores indígenas, que assumem uma dupla luta, no território acadêmico e também assumem o compromisso na pauta de luta pelo próprio território. Afinal, somos plurais.

Me interessa nesta mesa dialogar na interface das experiências vivenciadas em minha trajetória e por deparar-me diversas vezes com vozes de coletivos de estudantes e na formação de professores indígenas, os quais reconhecem como desafio a questão de produzir tccs, dissertações, teses e artigos, bem como o reconhecimento de tais produções. Outro desafio que limita a produção intelectual é o estranhamento do corpo ao habitar um território que não é o seu lugar de pertença. Lidar com os rigores, códigos acadêmicos também são um dos contratempos que encontramos na nossa trajetória acadêmica, compartilhados com outros estudantes e professores indígenas. Quando provocamos uma transformação nos modos e nos métodos da própria escrita e no fazer acadêmico, subvertendo-o, vejo nessa subversão um movimento de trazer outras contribuições para incorporar nesse fazer acadêmico, indo além do que já é produzido, não podendo ser interpretado o fazer diferente como uma insuficiência por fugir da estrutura daquilo que é pré-estabelecido e sim como uma potencia epistemológica outra.

Nós estudantes e professores indígenas temos um grande desafio, responsabilidade de renovar as estratégias de luta e resistência, uma das resistências é não permitir o desbotamento da nossa identidade quando transitamos no território acadêmico, precisamos ainda como uma flecha certa indigenizar os lugares que ocupamos. Desconsiderar esses agentes é reproduzir a violência histórica do epistemicídio, tenho dito que há duas maneiras de matar o povo indígena coletivamente: quando nos negam o território e quando reproduzem o epistemicídio.

Por isso seguiremos lutando em favor de uma educação que também defenda a democracia, pois não poderemos ter corpos, mentes libertas se temos um projeto de sociedade que apreendem nossas vozes e nossos corpos. E só será possível a retomada da democracia se retomamos o projeto de educação democrática, dos valores coletivo que nos reconecta com a nossa ancestralidade a esperança de um Brasil melhor é sem dúvida um Brasil que considere a sua pluralidade, pois não acreditamos em democracia parcial. Para tanto a educação necessita trazer para o centro do debate o resgate a nossa autonomia e valorize a nossa ancestralidade, trazendo a cultura para a centralidade

reconhecendo a sua diversidade. Pois a escola e a universidade para nós indígena não forma apenas para ciência, forma principalmente a consciência.